



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

DO CAOS A EX-SISTÊNCIA: UMA ABORDAGEM DA FILOSOFIA EXISTENCIALISTA

FROM CHAOS TO EX-SISTENCE: AN APPROACH TO EXISTENTIALIST PHILOSOPHY

DEL CAOS A LA EX-SISTENCIA: UNA APROXIMACIÓN A LA FILOSOFÍA EXISTENCIALISTA

Ueudison Alves Guimarães¹, Raimunda Macêdo da Silva Lima²

e4114308

<https://doi.org/10.47820/recima21.v4i11.4308>

PUBLICADO: 11/2023

RESUMO

Este artigo, tem por objetivo analisar a importância da Filosofia Existencialista, já que a ex-sistência humana se tornara uma questão filosófica e é a partir das vivências, das escolhas que os sujeitos fazem ao longo de suas vidas, que é construída a essência humana. Dado os desdobramentos na inquietude do SER, em compreender as dimensões existenciais da vida, em virtude da angústia, do desespero, do absurdo, da facticidade, da autenticidade, da liberdade e da morte, debruçamos sobre a compreensão desses dilemas como necessários a evolução existencial. Além disso, abordaremos o papel da psicanálise e da psicoterapia nas abordagens da Filosofia Existencial. A relevância social deste trabalho se justifica pelo fato de estarmos vivenciando uma realidade mundial marcada pelos dilemas da ex-sistência, que tem afetado boa parte da população, principalmente dos jovens, que procuram encontrar o sentido da vida, carregando o peso da existência presente nos dilemas vivenciados, com a necessidade de projetar-se para o futuro, na busca de sentido e dimensão. Por outro lado, utilizou-se a pesquisa bibliográfica exploratória, por meio de artigos científicos, anais em revistas, informações jornalísticas e outros documentos legais que pudessem alicerçar os estudos. Em suma, as análises abordadas evidenciam uma necessidade urgente de compreensão da ex-sistência, como um processo fenomenológico e empírico, pois a base da proposta existencialista é analisar o ser humano em seu todo e não dividido em aspectos internos (sua mente, cognição e sentimentos) e externos (seu corpo, comportamento e ações).

PALAVRAS CHAVES: Ex-sistência. Angústia. Facticidade. Liberdade. Morte.

ABSTRACT

This article aims to analyze the importance of Existentialist Philosophy, since human existence has become a philosophical question and it is from the experiences, the choices that subjects make throughout their lives, that the human essence is constructed. Given the developments in the restlessness of BEING, in understanding the existential dimensions of life, due to anguish, despair, absurdity, facticity, authenticity, freedom and death, we focus on understanding these dilemmas as necessary for existential evolution. Furthermore, we will address the role of psychoanalysis and psychotherapy in Existential Philosophy approaches. The social relevance of this work is justified by the fact that we are experiencing a global reality marked by the dilemmas of ex-sistence, which has affected a large part of the population, especially young people, who seek to find the meaning of life, carrying the weight of the present existence in dilemmas experienced, with the need to project oneself

¹ Graduado em Pedagogia – Universidade Luterana do Brasil – (ULBRA), Química – Faculdade Cidade João Pinheiro – (FCJP), Matemática – Centro Universitário Claretiano - (CLARETIANO), Geografia – Faculdade Mozarteum de São Paulo – (FAMOSP) e Física – Centro Universitário Faveni – (UNIFAVENI); Especialista em Gênero e Diversidade na Escola – (UFMT), Educação das Relações Étnico-Raciais no Contexto da Educação de Jovens e Adultos – (UFMT), Metodologia do Ensino em Química – (FIJ-RJ), Libras e Educação Inclusiva – (IFMT) e Docência para a Educação Profissional e Tecnológica – (IFES); Mestre em Educação – Especialização em Formação de Professores – Universidad Europea del Atlántico - Espanha (UNEA), Mestre em Tecnologias Emergentes em Educação (Must University), mestrando Nacional Profissional em Ensino de Física pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e doutorando em Ciências da Educação pela FICS.

² Licenciada em Língua Portuguesa e Literaturas – Universidade Estadual da Bahia. Licenciada em Filosofia-Faculdade João Calvino – Barreiras – Ba. Pós graduada em Estudos Linguísticos e Literários – Universidade Federal da Bahia, pós graduada em Ética e Filosofia – Faculdade do Noroeste de Minas, pós Graduada em Filosofia, Educação e Contemporaneidade- Faculdade de Santa Cruz da Bahia. Mestra em Educação – Especialização em Formação de Professores pela Universidad Europea del Atlántico. (UNEATLÁNTICO – ESPANHA).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

DO CAOS A EX-SISTÊNCIA: UMA ABORDAGEM DA FILOSOFIA EXISTENCIALISTA
Ueudison Alves Guimarães, Raimunda Macêdo da Silva Lima

into the future, in the search for meaning and dimension. On the other hand, exploratory bibliographic research was used, using scientific articles, journal annals, journalistic information and other legal documents that could support the studies. In short, the analyzes discussed highlight an urgent need to understand ex-sistence, as a phenomenological and empirical process, as the basis of the existentialist proposal is to analyze the human being as a whole and not divided into internal aspects (his mind, cognition and feelings) and external (your body, behavior and actions).

KEYWORDS: *Ex-sistence. Anguish. Facticity. Freedom. Death.*

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo analizar la importancia de la Filosofía Existencialista, ya que la existencia humana se ha convertido en una cuestión filosófica y es a partir de las experiencias, de las elecciones que los sujetos hacen a lo largo de su vida, que se construye la esencia humana. Ante los avances en las inquietudes del SER, en la comprensión de las dimensiones existenciales de la vida, por la angustia, la desesperación, el absurdo, la facticidad, la autenticidad, la libertad y la muerte, nos enfocamos en comprender estos dilemas como necesarios para la evolución existencial. Además, abordaremos el papel del psicoanálisis y la psicoterapia en los enfoques de la Filosofía Existencial. La relevancia social de este trabajo se justifica por el hecho de que vivimos una realidad global marcada por los dilemas de la existencia, que ha afectado a gran parte de la población, especialmente a los jóvenes, que buscan encontrar el sentido de la vida. Levando el peso de la existencia presente en los dilemas vividos, con la necesidad de proyectarse hacia el futuro, en la búsqueda de sentido y dimensión. Por otro lado, se utilizó la investigación bibliográfica exploratoria, utilizando artículos científicos, anales de revistas, información periodística y otros documentos legales que pudieran sustentar los estudios. En definitiva, los análisis discutidos resaltan una necesidad urgente de comprender la ex-sistencia, como un proceso fenomenológico y empírico, ya que la base de la propuesta existencialista es analizar al ser humano como un todo y no dividido en aspectos internos (su mente, cognición y sentimientos) y externo (tu cuerpo, comportamiento y acciones).

PALABRAS CLAVE: *Ex-sistencia. Angustia. Facticidad. Libertad. Muerte.*

INTRODUÇÃO

Este artigo pretende refletir sobre o Tema “Filosofia Existencialista” para a compreensão da vida e da existência como importantes para o acúmulo gradual de conhecimento, já que na visão dos filósofos existencialistas, os indivíduos vão construindo seus próprios caminhos e suas concepções de vida no decorrer de suas existências. Muitas vezes a constante busca pelo sentido da vida, faz com que os seres humanos não entendam o porquê de suas próprias existências e daquilo que acontece ao seu redor, e essa falta de respostas, gera os conflitos existenciais em torno da angústia, do desespero, do absurdo, da facticidade e do medo da morte, pontos essenciais de discussão neste artigo.

Como objetivo primordial, este artigo cujo tema é a “Filosofia Existencialista”, nutre-se da possibilidade de analisar o ser humano como um todo, incluindo os aspectos externos e internos, contribuindo para que o ser humano possa assumir um lugar no mundo e na sua dinâmica social.

A metodologia utilizada parte de uma pesquisa bibliográfica exploratória, que visa explorar um tema ou problema de pesquisa, buscando entender suas características e possíveis relações, analisando e descrevendo os princípios e fundamentos que caracterizam o desenvolvimento de uma Pesquisa Bibliográfica. O texto é apresentado na perspectiva de diferentes autores existencialistas como Martin Heidegger, Soren Kierkegaard, Albert Camus, dentre outros, apresentando conceitos,



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

DO CAOS A EX-SISTÊNCIA: UMA ABORDAGEM DA FILOSOFIA EXISTENCIALISTA
Ueudison Alves Guimarães, Raimunda Macêdo da Silva Lima

definições, características e procedimentos que possibilitam a adequada compreensão de uma pesquisa que se estrutura e se desenvolve a partir da produção teórica dos autores.

Apresenta-se inicialmente uma breve descrição da investigação existencialista frente aos problemas enfrentados pelo indivíduo diante da vida, que aparentemente não tem sentido em si mesma. O homem se interroga sobre si mesmo, sua consciência, seu lugar no mundo, suas escolhas, dentre outros aspectos. Partindo do caos da ex-sistência, o homem projeta-se no mundo, na busca de sentido, de mais sentido, para a dimensão existencial, conforme cita Martin Heidegger, sem sua obra “Ser e Tempo”, 2006.

Para tanto, descreve-se de forma sucinta, a angústia, do ponto de vista ontológico, como motor da ex-sistência, já que ela descreve uma situação emocional ou intelectual da qual o indivíduo não pode fugir. Para Heidegger, 2006, ela tem se tornado o motor da existência, pois impulsiona o indivíduo a conquistar os seus objetivos, realizar os seus sonhos e a compreender o seu projeto de vida, porém, quando esta se evidencia de forma descontrolada, pode desencadear vários problemas psicossomáticos, extraviando a vida do Ser.

Acrescenta-se ainda de forma reflexiva algumas concepções acerca do desespero como possibilidade de construção, uma vez que, não pode ser ignorado pelo homem, pois ele demonstra sua positividade, na medida em que se apresenta como possibilidade à construção de uma existência autêntica. Dessa forma, salienta Kierkegaard, (1979), que a experiência do desespero humano tem um caráter positivo para o indivíduo que aprende a lidar com as adversidades da vida.

Ademais, apresenta-se também o absurdo diante da vida, pois a revelação do homem pensante, que precisa conviver com a impossibilidade de alcançar razões maiores para sua existência, já que é sábio da morte e, por sua racionalidade, enfrenta muitos obstáculos para impulsionar as possibilidades de dar um "salto" para compor o significado próprio da existência, é alimentado o tempo todo pela falta de sentido da vida, mas que no íntimo busca alguma esperança que a justifique.

Salienta-se também acerca da facticidade da ex-sistência como uma das características que inclui todas aquelas minúcias factuais acerca das quais não se tem nenhum controle, como é o caso do nosso nascimento, dos nossos pais, ou dos limites do ser humano, bem como a nossa capacidade de transcender as circunstâncias da vida, porque constitui a base necessária de todas as nossas ações, que são dadas previamente como um possível encontro com a direção da vida ou os rumos da ex-sistência.

Discute-se ainda a autenticidade evidenciada pela singularização da ex-istência, isto é, da apropriação de si, da tomada de consciência do Ser-aí (da tradução portuguesa do termo alemão Dasein=homem) e a sua real abertura às mais diversas possibilidades, conforme retratado na Obra “Ser e Tempo”, de Martin Heidegger, 2006. Trata-se de uma existência verdadeira, na qual o indivíduo assume e faz escolhas próprias, pois o homem que possui uma existência autêntica age de acordo com a sua vontade, se abre para o mundo e se relaciona concretamente com as coisas.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

DO CAOS A EX-SISTÊNCIA: UMA ABORDAGEM DA FILOSOFIA EXISTENCIALISTA
Ueudison Alves Guimarães, Raimunda Macêdo da Silva Lima

Direciona-se também sobre a liberdade numa concepção existencialista, como condição humana, inerente ao ser humano, com possibilidade de sempre escolher a si mesmo e a sua vida. A liberdade passa a não ser entendida apenas como uma coisa, ou um objeto, que num momento se tem e em outro não se tem mais, já que ela é constitutiva da existência humana e consiste justamente na possibilidade e também na constante necessidade de fazer escolhas a todo momento.

Tomando como ponto de partida a filosofia existencial de Martin Heidegger, apresentamos o ser-para-a-morte, enquanto ser-lançado no mundo é expressão de que o Dasein (homem) é projetado para um fim, pois é o único ser vivo consciente dessa possibilidade da morte como o fim da ex-sistência. Daí o homem convive com o sentimento da angústia, pois ele tem a oportunidade de perceber que está sendo encaminhado para o fim.

Em suma, apresentamos uma breve “reflexão final” sobre o papel da psicanálise e da psicoterapia na filosofia existencialista, que percebe as experiências humanas como ansiedade e depressão, não como presença de uma doença mental, mas como estágios naturais em um processo normal de desenvolvimento e amadurecimento do ser humano.

METODOLOGIA

Para atingir os objetivos declarados, este trabalho seguiu os princípios metodológicos de uma abordagem descritiva qualitativa e utilizou uma pesquisa bibliográfica a partir da referência das referências publicadas em revistas, artigos científicos, livros e acervos online.

Uma pesquisa bibliográfica, ou revisão de literatura, é uma análise detalhada de publicações recentes em uma determinada área do conhecimento. Segundo Silva e Menezes (2005), a bibliografia é um método de aproveitamento de publicações acadêmicas, periódicos, livros, atas de congressos etc., não utilizada especificamente para coletar dados in natura, mas apenas para a transcrição de ideias. Após a implementação, os pesquisadores podem escolher entre periódicos regulares e periódicos mais rigorosos. As metodologias qualitativas apresentam mais questões éticas do que qualquer outra, principalmente porque os pesquisadores e a geodésia estão muito próximos.

Embora a maioria dos pesquisadores (especialmente os sociólogos) tenha dado pouca atenção a essa questão, os debates de longo prazo, principalmente entre os antropólogos, têm se concentrado em abordar as relações de longo prazo entre os dois extremos do cenário de pesquisa. Segundo Gil (2008), o foco da pesquisa descritiva está no conhecimento existente. O autor afirma que a pesquisa é descritiva se o objetivo é revelar o máximo possível sobre o assunto conhecido e explicar tudo sobre ele. Nesse caso, o pesquisador deve fazer uma revisão teórica completa do objeto de estudo, analisar e comparar as informações.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

DO CAOS A EX-SISTÊNCIA

O existencialismo é uma forma de investigação filosófica que explora o problema da existência humana e centra-se na experiência vivida, do indivíduo que pensa, sente e age. Está



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

DO CAOS A EX-SISTÊNCIA: UMA ABORDAGEM DA FILOSOFIA EXISTENCIALISTA
Ueudison Alves Guimarães, Raimunda Macêdo da Silva Lima

associado a vários filósofos europeus dos séculos XIX e XX que compartilharam uma ênfase no sujeito humano, apesar de profundas diferenças doutrinárias, mas o ápice do movimento existencialista ocorreu em meados do século XX, na França, e se fundamenta no conceito de que os seres humanos definem o significado de sua vida.

O movimento filosófico existencialista, fonte de inspiração da existência encontra-se em Martin Heidegger, que, por sua vez, foi influenciado por Friedrich Nietzsche e Søren Kierkegaard, sendo que iniciaram suas reflexões baseadas no ser humano em sua concretude, encarando-o com total liberdade sobre sua natureza interna e que deve assumir responsabilidade pessoal. Ensina que a ação, a liberdade e o poder de tomar decisões são fundamentais para que o ser humano supere a condição essencialmente absurda da humanidade, mas acredita que a responsabilidade leva à profunda angústia ou ao temor e que a vida é caracterizada pelo sofrimento e pela inevitabilidade da morte (Heidegger, 2006).

Somos os responsáveis por nossa existência. Se o homem primeiro existe e depois se faz por suas ações, podemos entender então que ele é um projeto, segundo Sartre, 1978, “é aquele que se lança no futuro”, nas suas possibilidades de realização, de escolhas, da busca pelo sentido da vida e da ex-sistência. Simplesmente somos um ser “jogado” no mundo, procurando sentido e dimensão como afirma o filósofo existencialista Martin Heidegger, 2006. Este significado puramente ontológico, é dirigido para a solução do problema do Ser.

O termo ex-sistência foi criado por Martin Heidegger, conhecido também como filósofo do hífen, para designar a abertura essencial do homem, já que ele nunca é fechamento, sempre precisa se abrir para o mundo diante das possibilidades e desafios enfrentados nas rédeas do assumir o próprio ex-sistir. Portanto para Heidegger, 2006, o ser, quer queira ou não, é aquilo que é o mais próximo para o homem em seu projeto finito.

Fundamentado em Ortega y Gasset (1997b, v. 7, p. 405): “Viver é o que ninguém pode fazer por mim – a vida é intransferível, não é um conceito abstrato, é meu ser individualíssimo”. No livro “*En torno a Galileo*”, publicado em 1933, mesmo ano de *Unas lecciones de metafísica*, o filósofo esclarece o caráter pessoalíssimo do viver. Ninguém pode viver pelo outro, em outras palavras, ninguém responderá aos desafios que eu tenho que resolver. É nesse sentido que a vida é inalienável e singularíssima, declara o filósofo (1994c, v. 12, p. 23):

Nesse projeto da ex-sistência, Heidegger, 2006, aponta sobre a responsabilidade por aquilo que somos, pois na filosofia existencialista, não há desculpas para o caos diante da vida, não há Deus ou natureza a quem culpar por nossos fracassos. Somos frutos de nossas escolhas, guiados pela lei de ação e reação, somos responsáveis pela vida demarcada pelos nossos atos.

ANGÚSTIA DO PONTO DE VISTA ONTOLÓGICO

A palavra angústia, com a acepção moderna que tem nas línguas ocidentais, não era conhecida pela filosofia grega com o mesmo sentido. Foram necessários dois mil e quinhentos anos de metafísica e cristianismo, para que o homem ocidental desenvolvesse a consciência para a qual a



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

DO CAOS A EX-SISTÊNCIA: UMA ABORDAGEM DA FILOSOFIA EXISTENCIALISTA
Ueudison Alves Guimarães, Raimunda Macêdo da Silva Lima

palavra angústia – e tudo que o termo implica sob o aspecto psicológico, emocional, social e filosófico – tivesse o significado que lhe damos na modernidade. Trata-se, portanto, de um termo relativamente recente no linguajar filosófico, e foi utilizado pela primeira vez em seu sentido atual na obra “*O conceito de angústia*”, de Sören Kierkegaard, em 1844.

Nesse sentido para Heidegger, 2006, a “angústia existencial”, pode ser chamada de pavor ou ansiedade, um termo comum a muitos pensadores existencialistas, principalmente Soren Kierkegaard, Friedrich Nietzsche e Jean Paul Sartre. É considerada também um sentimento negativo que surge da experiência da liberdade e responsabilidade humana. Pode-se perceber, também, como a angústia é diante do nada. Conforme salientado por Sartre, 1998, o uso da palavra “nada”, neste contexto, relaciona-se à insegurança inerente às consequências das próprias ações e ao fato de que, ao vivenciar a liberdade como angústia, também se percebe que é totalmente responsável por essas consequências.

A angústia também pode ser colocada como uma sensação muito intensa, que nos coloca diante de nossa própria ex-sistência, de nossas dificuldades de fazer escolhas, de nossas frustrações e até das dores de existir. Na concepção existencialista, a angústia não é um sentimento negativo, mas uma experiência valiosa que ocorre quando tomamos consciência de nossa liberdade de escolhas ou de nosso vazio existencial. Para Heidegger, 2006, a característica trágica de toda a existência, é a condição humana por excelência.

Compreende-se, portanto, que a angústia é um sentimento que faz parte da condição humana, e que nos coloca realmente presentes diante do que estamos vivendo num dado momento. Por diversos momentos nos sentimos angustiados, seja perante o absurdo da existência, seja quando se percebe que não há como reviver o passado que já foi ou um futuro que ainda não chegou, ou quando se percebe como responsáveis pelas escolhas que fazemos em nossa vida, e que, mesmo não escolhendo já está-se a escolher.

Segundo Dantas, 2005, a angústia pode definida como:

Esse caráter de indeterminação é o nada pelo qual a angústia se angustia. Ao se deparar com o seu limite existencial, com o nada, com a ausência de algo que dê sentido e coesão à sua existência, o *dasein* experimenta a angústia. A angústia é ao mesmo tempo um sentimento diante da existência como limite, mas também, uma disposição que impele o *dasein* a se tornar si-mesmo, ponto de partida para uma condição que o constitui como existente (Dantas, 2005, p. 26)

De modo geral, a angústia é um estágio importante para conhecer sobre nós mesmos, de uma maneira mais profunda, pois nos coloca diante do nosso problema de existir. Sabemos que as frustrações e decepções fazem parte de nossa vida, é atravessando situações difíceis que nos desenvolvemos pessoalmente, pois se não encararmos as nossas dificuldades, diminuiremos a nossa capacidade de lidar com a vida.

Compreender fundamentalmente a essência da angústia em demasia, é refletir sobre as consequências que podem ser ocasionadas em nossas vidas, quando não a controlamos, podendo desencadear futuras neuroses e até bloquear o fluir da vida, nos fazendo sentir impedidos e travados



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

DO CAOS A EX-SISTÊNCIA: UMA ABORDAGEM DA FILOSOFIA EXISTENCIALISTA
Ueudison Alves Guimarães, Raimunda Macêdo da Silva Lima

na busca pelo sentido da vida. Por este motivo a angústia nos solicita uma ação, que é nos defrontarmos com a realidade que está em nossa frente, com o que está acontecendo debaixo de nosso nariz, e não uma fuga do problema. Nesse sentido, a pessoa que evita sua angústia está evitando a si mesma.

O DESESPERO COMO POSSIBILIDADE DE CONSTRUÇÃO

Na Filosofia existencialista, o desespero pode ser compreendido como a perda de esperança, em reação a um colapso em uma ou mais das qualidades definidoras de uma pessoa ou identidade. O que separa a noção existencialista de desespero, da definição convencional é que o desespero existencialista é um estado em que se está, mesmo quando não se está em desespero, já que ele pode se tornar uma condição (doença) universal humana.

O filósofo Soren Kierkegaard é considerado o pai do existencialismo e na sua obra “O Desespero Humano”, 1949, salienta que “o mais importante do que a busca por uma verdade única que explique todo o universo, é a busca de verdades que sirvam para cada pessoa individualmente e se adaptem às escolhas que cada um fez para sua vida e a forma como essas pessoas montaram o seu eu”. (Kierkegaard, 2003).

O conceito psicológico de desespero possui nas obras de Soren Kierkegaard, sobremaneira na obra “O desespero humano”, escrita em 1849, um significado profundo e fundamental, tal como o único mal existente para o qual não há cura, superando assim, a morte que era encarada pelo senso comum como sendo o maior dos males, permanecendo sempre diante dos homens em meio às suas decisões, mas compreende também a concepção de doença mortal que abrange todo nosso ser e surge a partir de nossa consciência infinita, do nosso eu como espírito.

A concepção de desespero é definida por Kierkegaard, 2003:

O desespero que se perde no infinito é [...] imaginário, informe [...]. Geralmente é o imaginário que transporta o homem ao infinito, mas afastando-o apenas de si mesmo e desviando-o dessa maneira de regressar a si mesmo (Kierkegaard, 2003, p. 34-35)

Sobre este prisma, o filósofo Kierkegaard, 2003, aponta que a pedra fundamental de sua obra é a existência de cada um. Somente quando realizamos uma escolha estamos realizando a nossa existência. Em suma o desespero coloca o ser humano frente a frente com sua vida, e claro, diante de uma escolha: de continuar a viver numa ilusão ou escolher viver de maneira apaixonada, transformando sua existência.

O ABSURDO DIANTE DA VIDA

O Absurdismo tem suas raízes fundadas no século XIX com o filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard. Trata-se de uma teoria filosófica que segundo Camus, 1989, no nível prático, o conflito subjacente ao absurdo é caracterizado pela luta do indivíduo para encontrar sentido em um mundo



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

DO CAOS A EX-SISTÊNCIA: UMA ABORDAGEM DA FILOSOFIA EXISTENCIALISTA
Ueudison Alves Guimarães, Raimunda Macêdo da Silva Lima

sem sentido. Isto implica que o mundo carece de sentido ou de um propósito superior e não é totalmente inteligível pela razão.

A noção de absurdo contém a ideia de que não há sentido no mundo além do sentido que lhe damos, portanto, “Viver a vida do absurdo”, significa rejeitar uma vida que encontra ou busca um sentido específico para a existência do homem, pois não há nada a ser descoberto, o maior interesse está no conflito entre o desejo humano de sentido e a falta dele no mundo. Ser confrontado com este conflito pode desencadear uma crise existencial, na qual experiências desagradáveis, como ansiedade ou depressão, podem empurrar os afetados a encontrar uma resposta para lidar com o conflito. (Camus, 1989).

Segundo Albert Camus, 1989, o mundo ou o ser humano não é em si um absurdo, pois a vida só se torna absurda devido à incompatibilidade entre o ser humano e o mundo que habita. Já o filósofo Søren Kierkegaard, 2003, sustenta que o absurdo da vida se limita às ações e escolhas dos seres humanos. Estas escolhas podem ser consideradas absurdas, pois emanam da liberdade humana, minando seus alicerces fora de si mesmos. Quando o absurdo se torna um problema, há um forte desejo de sentido e propósito, mesmo que lhe pareçam estar ausente, o conflito responsável pelo absurdo muitas vezes constitui ou é acompanhado por uma crise existencial.

O filósofo “Albert Camus, em seu livro publicado em 1942, “O Mito de Sísifo”, Ensaio sobre o Absurdo, experimenta uma dolorosa sensação da absurdez da vida e da história. Encerrado em si mesmo, não vê, de início, senão dois caminhos para se libertar: o suicídio e a revolta, e tão-somente esta última, que implica o reconhecimento de um certo valor, afigura-se-lhe capaz de dar um sentido à vida:

Segundo o filósofo Camus, (1989), acerca do absurdo, pontua:

Tudo que é permitido não significa que nada é proibido. O absurdo apenas devolve às consequências de seus atos a equivalência delas. Ele não recomenda o crime. Seria pueril, mas restitui ao remorso sua inutilidade. Da mesma forma, se todas as experiências são indiferentes, a do dever é tão legítima quanto qualquer outra. Pode-se ser virtuoso por capricho. (Camus, 1989, p. 42)

Se o absurdo é o que carece de sentido, um aspecto importante do absurdismo é que o absurdo não se limita a situações particulares, mas abrange a vida como um todo. E por causa do absurdo do mundo, qualquer coisa pode acontecer a qualquer pessoa a qualquer momento, como um evento trágico pode levar alguém a um confronto direto com o absurdo, por causa da consciência devastadora da falta de sentido para a vida, apesar das adversidades que todos nós temos que enfrentar. É o que o filósofo Albert Camus, 1989, aborda sobre a necessidade de perseverar, apesar do absurdo da VIDA.

A FACTICIDADE

A Facticidade é um termo no heideggeriano (Heidegger, 2006), que caracteriza o indivíduo como um Ser lançado ao mundo, submetido às injunções e necessidades dos fatos, isto porque grande parte da facticidade de uma pessoa consiste em coisas que não foram escolhidas como (data



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

DO CAOS A EX-SISTÊNCIA: UMA ABORDAGEM DA FILOSOFIA EXISTENCIALISTA
Ueudison Alves Guimarães, Raimunda Macêdo da Silva Lima

de nascimento, os nossos pais, os limites do ser humano enquanto tal etc.), mas também pode ser compreendida como uma condição de liberdade no sentido de que os valores de alguém provavelmente dependem dela.

Vivemos em um mundo que não criamos e que é indiferente às nossas preocupações. Os seres humanos se encontram em um mundo que não controlam e que não escolheram, portanto o homem entra no mundo sem razão prévia e de forma contingente. *“Estar num mundo em que não se escolheu viver e do qual não há como escapar. É nele que se vive o projeto vital”*. (Ortega apud Carvalho, 2015.)

A Facticidade é a característica de ser um facto. É o nome que filósofos, como Heidegger (autor da obra “SER E TEMPO”, 1927) e Sartre, (autor da obra “O SER E O NADA”, 1997) dão àquele aspecto da existência humana que é definido pelas situações em que nos encontramos, o “facto” que somos forçados a confrontar, porque constitui a base necessária de todas as nossas ações. Apenas somos livres em situação. A nossa liberdade de ação, a nossa capacidade de transcender as nossas circunstâncias, sempre o foi contra um contexto de facticidade.

Segundo Heidegger, 2006, é só na facticidade da sociedade, em termos de uma identidade e um sistema de valores, que nós próprios não escolhemos, que exercemos a “decisão” pessoal que define a nossa existência, trata-se de um modo de ser, como um mero objeto de investigação desinteressada, separado de qualquer interesse prático ou pessoal. Tem a ver com as condições contingentes que não dependem das nossas escolhas.

Segundo Ortega y Gasset, na obra examinada (1997b, v. 2, p. 417):

[...] isto dá à nossa vida um gosto terrivelmente dramático. Viver não é entrar em um lugar previamente escolhido por gosto, como se escolhe um teatro depois de jantar – senão que é encontrar-se de pronto e sem saber como caído, submerso, projetado em um mundo.

No entanto, desconsiderar a própria facticidade durante o processo contínuo de autocriação, projetando-se no futuro, seria colocar-se em negação de si mesmo e seria inautêntico. A origem de sua projeção ainda deve ser sua facticidade, embora no modo de não ser (essencialmente), considerando que a facticidade quanto a transcendência é um modo autêntico de ser, pois a autenticidade revela a existência verdadeira, na qual o indivíduo assume e faz escolhas próprias, ou seja, o homem que possui uma existência autêntica age de acordo com a sua vontade.

A AUTENTICIDADE

Por autenticidade compreendemos a singularização da existência, isto é, é a apropriação de si, a tomada de consciência do Ser-aí, e a sua real abertura às mais diversas possibilidades. Muitos existencialistas notáveis consideram o tema da existência autêntica importante. Por autenticidade entende-se a ideia de que se deve “criar a si mesmo” e viver de acordo com esse eu. Nesse sentido, para uma existência autêntica, deve-se agir como si mesmo, não como “seus atos”, “seus genes” ou como qualquer outra essência requer (Heidegger, 2006).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

DO CAOS A EX-SISTÊNCIA: UMA ABORDAGEM DA FILOSOFIA EXISTENCIALISTA
Ueudison Alves Guimarães, Raimunda Macêdo da Silva Lima

Portanto a autenticidade para Heidegger, 2006, refere-se a uma existência verdadeira, na qual o indivíduo assume e faz escolhas próprias. O homem que possui uma existência autêntica age de acordo com a sua vontade, compreendendo profundamente o Ser-aí ou o Ser-aí-no-mundo (tradução portuguesa do termo alemão Dasein, muito usado no contexto filosófico como sinônimo para ser existente), na denominação de Heidegger, 2006, aquele se abre ao mundo e se relaciona concretamente com as coisas e age conforme a liberdade de cada um, sendo o ponto principal a atitude que se assume em relação à própria liberdade (e responsabilidade) e até que ponto se age de acordo com essa liberdade.

Segundo Heidegger (1968), o ser humano só podemos definir-nos, a partir do nosso existir, isto é, da possibilidade de ser ou não ser. Nesse sentido, a Filosofia Heideggeriana aponta a autenticidade como a vida de quem deve o apelo do futuro e as próprias possibilidades que dentre as possibilidades humanas a última é a morte, portanto, vive autenticamente aquele que leva em consideração a morte como a possibilidade de deixar de existir "aqui", cessar.

A LIBERDADE E O EXISTENCIALISMO

A liberdade constitui-se um dos problemas da sociedade contemporânea que trata dos limites da vida coletiva, evidenciado na visão do filósofo existencialista, Jean Paul Sartre (1905-1980), especificamente, nas obras "O ser e o nada- ensaio de ontologia fenomenológica", (1943) e "O existencialismo é um humanismo" (1946).

Para o filósofo, a liberdade é condição fundamental da ação e o homem está condenado a ser livre. "Condenado porque não se criou a si próprio; e, no entanto, livre, porque uma vez lançado ao mundo, é responsável por tudo quanto fizer" (Sartre, 1978, p. 9).

Portanto, para Sartre, 1978, o homem é condenado a se fazer homem, a cada instante de sua vida, pelo conjunto das decisões que adota no dia a dia. É o que determina quem somos pelas ações realizadas e não por aquilo que poderíamos ser. O foco na liberdade, no existencialismo, está relacionado aos limites da responsabilidade que alguém carrega como resultado de sua liberdade. Nesse sentido, a relação entre liberdade e responsabilidade é de interdependência aquilo pelo qual se é responsável.

A liberdade, quando limitada pela facticidade, e a falta da possibilidade de ter facticidade para "intervir" e assumir a responsabilidade por algo que se fez, ambas, *produzem* angústia. À primeira vista, o peso da liberdade depositado no homem pelos filósofos existencialistas pode parecer excessivamente pessimista, fatalista, de uma solidão extrema no íntimo de nossas decisões. Mas, ao contrário, o existencialista coloca o futuro em nossas mãos, nos dá total autonomia moral, política e existencial, além da responsabilidade por nossos atos (Sartre, 1978).

Ao escolher a si próprio, a sua existência, o homem escolhe por toda a humanidade, isto é, sua escolha tem um alcance universal. E é por esta razão que o viver é sempre acompanhado de angústia. Quando escolhemos um caminho, damos preferência a uma dentre diversas possibilidades



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

DO CAOS A EX-SISTÊNCIA: UMA ABORDAGEM DA FILOSOFIA EXISTENCIALISTA
Ueudison Alves Guimarães, Raimunda Macêdo da Silva Lima

colocadas à nossa frente. Seguimos o caminho que julgamos ser o melhor, para toda humanidade, portanto fugir deste compromisso é disfarçar a angústia e enganar sua própria consciência.

Segundo a concepção existencialista, especialmente em Jean-Paul Sartre, 1978, a liberdade está relacionada com as escolhas que fazemos. Ele entende que toda pessoa é livre, pois fazemos escolhas a todo momento, e não há como não ser livre, pois não há como não escolher. Se somos livres para escolher, somos eticamente responsáveis pelas escolhas que fazemos, por isso teremos de lidar com as consequências de nossas escolhas. O que estamos fazendo agora mesmo de nossa existência foi fruto de uma escolha. Percebemos que dessa forma, por sua liberdade, o homem permanece senhor de sua atividade, é responsável não só pelo fim que se propõe a seguir, mas também pela forma como age para atingir este fim.

Para Sartre, 1998, o homem é homem pela sua condição de ser livre. O homem é fruto de sua liberdade porque escolhe as ações que irá praticar. Dessa forma, a liberdade não é uma conquista humana, ela é uma condição da existência humana:

Com efeito, sou um existente que aprende sua liberdade através de seus atos; mas sou também um existente cuja existência individual e única temporaliza-se como liberdade [...] assim, minha liberdade está perpetuamente em questão em meu ser; não se trata de uma qualidade sobreposta ou uma propriedade de minha natureza; é bem precisamente a textura de meu ser... (Sartre, 1998, p. 542/543).

Pode-se observar que na filosofia sartreana, o homem é livre para escolher, já que possui consciência, porém essa consciência gera a intencionalidade das ações praticadas e envolve a sociedade, pois a liberdade é uma pesada obrigação que traz a responsabilidade com seu destino e com o destino das outras pessoas a sua volta, mas ao escolher, o homem representa a opção que considera ideal para toda a humanidade. Dessa forma, a sua liberdade o une a sociedade, tornando-o responsável.

Diante do exposto, a liberdade na concepção existencialista, é uma condição humana, pois reconhece que nosso modo de ser envolve diversas circunstâncias que experimentamos em nossa existência, sendo inerente ao ser humano sua possibilidade de sempre escolher a si mesmo e a sua vida. Isso não significa que podemos fazer qualquer coisa, pois há limites em nossas ações, nossa liberdade acontece sempre em situação. Não somos de todo privados, e não podemos fazer tudo, mas sempre podemos escolher o que vamos fazer de nossa vida a cada momento.

O DASEIN COMO UM SER PARA A MORTE

A Morte faz parte de uma das indagações humanas presentes na história de todas as civilizações. Os homens sempre se mostraram curiosos a entender, como se dá seu surgimento, seu destino e que propósito rege a finitude de sua ex-sistência, mas percebemos o medo e insegurança que assola o homem no que diz respeito à morte, por ser um lado desconhecido da existência ou da não-existência. Essa inquietude do homem perante seu próprio destino, se tornou uma incessante procura acerca da explicação para a vida e para a morte.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

DO CAOS A EX-SISTÊNCIA: UMA ABORDAGEM DA FILOSOFIA EXISTENCIALISTA
Ueudison Alves Guimarães, Raimunda Macêdo da Silva Lima

Na visão existencialista, a vida não teria tanta motivação para ser vivida, já que ela seria finita e entrelaçada com o terror que a morte inspira, decretando a finitude do ser, mas a vida traria ao homem um alívio, pois a morte daria a existência um caráter de totalidade que não se pode tê-la em vida, onde o homem teria uma necessidade ontológica de auto transcendência.

Do ponto de vista da Filosofia Heideggeriana, a metafísica tradicional se extraviou, pelo esquecimento trágico do Ser. O *Dasein*, (termo alemão, definido por Heidegger como o próprio ser-no-mundo que existe já sempre se projetando em possibilidades de ser - HOMEM), quando lançado para o mundo e em comunhão com os outros, vai conferindo sentido à sua existência a partir das escolhas feitas por ele. Nas escolhas que *Dasein* faz, diante de inúmeras possibilidades, ele está sendo, isto é, existindo, mas dentre essa variedade de possibilidades, existe uma na qual o *Dasein* não pode optar. Trata-se da morte.

Segundo Heidegger, 2006, a morte é um processo individualmente, acontece com cada homem, pois o homem experimenta-a e um não pode interferir de modo algum na morte do outro. Ademais, a morte, como possibilidade, marca a inexistência de outras possibilidades. Ela é o fim do *Dasein*, que existia a partir das escolhas que fazia diante das suas possibilidades. O *ser-para-a-morte*, enquanto ser-lançado é expressão de que o *Dasein* é projetado para um fim.

Côncio dessa possibilidade, o homem convive com um o sentimento: o da angústia. É esse sentimento que coloca o homem diante do não sentido da sua vida, da impossibilidade das possibilidades, em suma: da sua morte. Nessa perspectiva afirma Dubois: “A morte é iminente. (...) Ela é a possibilidade da impossibilidade do próprio ser-no-mundo” (Dubois, 2004, p. 50).

A forma com a qual o homem vive autenticamente sua vida, debruça-se que a qualquer momento pode morrer. A percepção do limite existencial permite o *Dasein* testemunhar a totalidade do seu ser: a partir da morte, não sendo possível ser mais nada, o ser do homem se completou; tudo o que ele poderia ser, ele foi, e nada a mais que isto, assumindo a sua limitação, o *Dasein* sente-se impelido a buscar o sentido de sua existência por si mesmo. Portanto, é na análise existencial do *ser-para-a-morte*, na consciência de que um dia deixará de existir, que o *Dasein* encontra a sua forma autêntica de vida.

A visão materialista de Heidegger, 2006, coloca-o diante da fatalidade da morte, sendo uma voz que prediz o encontro do homem com o nada, no sentido que não é possível ser mais nada, que o grande propósito de *ser-no-mundo* se encerrou. Esse movimento todo nos ajuda a perceber qual é o lugar que a compreensão de morrer ocupa na filosofia heideggeriana, diante das possibilidades de se pensar a morte. Mas, esse predizer da morte deve conduzir o homem a uma volta para si mesmo, fazê-lo tomar as rédeas de sua vida.

Por tudo isso percebe-se que se faz necessário dar sentido a nossa existência, a partir de nós mesmos, fazendo as escolhas que nos é possível, nos preparando para o momento que nós não escolhemos, mas que, mais cedo ou mais tarde, nos convidará a encerrar o nosso projeto humano, pois “a presença [*Dasein*] só deixa de viver na medida em que morre.” (Heidegger, 2006, p. 322).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

DO CAOS A EX-SISTÊNCIA: UMA ABORDAGEM DA FILOSOFIA EXISTENCIALISTA
Ueudison Alves Guimarães, Raimunda Macêdo da Silva Lima

Todos nós sabemos que um dia vamos morrer e isto pode nos parecer desesperador, pois nos deparamos com o absurdo da vida, ou seja, vivemos para morrer? Sabemos que a morte é uma circunstância da vida, pois todos nascemos e logo sabemos que um dia vamos morrer, ou seja, colocar um fim em nossa existência, inclusive em todas as nossas possibilidades de ser. Vivemos diversas situações que possuem um fim, ou seja, há coisas que acabam, e nossa existência é também uma delas.

Segundo Heidegger, 2006, ninguém vive a morte do outro, mas traz em si, a condição do morrer, que será experienciada algum dia e de alguma forma por todos, portanto a dor do existir consiste em ver a morte avassalar a existência do não-eu, percebendo que não consigo ensaiar o meu morrer, com a morte do outro, já que é uma das experiências únicas e intransferíveis.

A PSICANÁLISE E PSICOTERAPIA NA FILOSOFIA EXISTENCIALISTA

Um grande desdobramento do existencialismo como filosofia é a psicologia existencialista e a psicanálise, que se cristalizaram pela primeira vez na obra de Otto Rank, o associado mais próximo de Freud. Mas um dos primeiros colaboradores da psicologia existencialista nos Estados Unidos foi Rollo May, fortemente influenciado por Kierkegaard e Otto Rank (Evangelista, 2015).

A importância da ansiedade no existencialismo a torna um tópico popular na psicoterapia. A terapeuta e psicóloga clínica, Rosângela Figueiredo é Especialista em Terapia de Reprocessamento Generativo e Assistente Social há mais de 14 anos com experiência em ajudar pessoas a superarem suas dores existenciais. Usa uma abordagem existencialista e acredita que o paciente pode controlar sua ansiedade e usá-la construtivamente. Em vez de suprimi-la, os pacientes são aconselhados a usá-la como base para mudanças.

Ao aceitar a ansiedade como algo inevitável, a pessoa pode usá-la para atingir todo o seu potencial na vida. A psicologia humanística também teve um grande impulso da psicologia existencialista e compartilha muitos dos princípios fundamentais. A afirmação é que a ansiedade se manifesta na total liberdade de um indivíduo de decidir e na total responsabilidade pelo resultado de tais decisões. Segundo Schneider, 2011, O grande desafio do ser humano é controlar a sua ansiedade, para que a mesma não a controle, a ponto de propiciar problemas mais sérios como os psicossomáticos.

Convivemos em um mundo que apresenta à consciência como obstáculos e dificuldades a serem transpostos, pois envolvem sempre algum coeficiente de adversidade. As emoções introduzem nestas relações um papel significativo, já que o ser humano é um ser de desejos, de projetos e o projetar-se implica uma modulação de um determinado estado de informações dentro do nosso corpo que nos permitem ter respostas rápidas em diferentes situações como as de risco, pois algumas emoções não necessitam aprendizado, como o medo, a segurança e o afeto (Schneider, 2011).

A psicanálise existencial de Sartre, aborda que, as qualidades da mesma maneira que os estados se constituem reflexivamente como se fossem a disposição psíquica de que emanariam as emoções – "sinto repulsa porque o odeio". A nossa vida psíquica demarca que não há um "dentro" ou



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

DO CAOS A EX-SISTÊNCIA: UMA ABORDAGEM DA FILOSOFIA EXISTENCIALISTA
Ueudison Alves Guimarães, Raimunda Macêdo da Silva Lima

"interior" da consciência, ela é inteiramente o seu exterior, e lhes são tão transcendentos os traços do seu mundo como os do seu Ego, jogando-se sempre "fora" de si a significação da sua vida consciente, pois é nas próprias coisas, que uma consciência encontra a sua vida emocional.

Conforme aborda Levy, (2001):

A psicanálise existencial pretende, então, compreender o projeto fundamental do homem, realizando uma comparação entre suas escolhas de modo a destacar o fio condutor que as unifica, já que "em cada uma delas acha-se a pessoa em sua inteireza" (Levy, 2001, p. 690).

Em suma, a psicanálise existencial se revela como um método pensado a partir de inúmeros diálogos, críticas, inspirações e contraposições das teorias apresentadas. Para tanto, o filósofo Sartre, 1988, não se restringe somente ao âmbito da produção teórica, mas mostra a aplicabilidade de seu método de psicanálise na produção de biografias e histórias de vida. Trata-se de um método que possibilita a compreensão do homem como liberdade de escolhas, trazendo a maior contribuição às ciências humanas e a todos aqueles que buscam realizar um estudo compreensivo de uma vida particular, saindo da filosofia contemplativa para a possibilidade da prática.

CONCLUSÃO

O existencialismo pode ser compreendido pelo questionar do modo de ser do homem, entendendo-o como este ser se encontra no mundo, questionando-se acerca do mesmo e de si próprio como proposta existencialista deste novo modo de vida. Temos que levar em consideração que não se trata apenas de uma proposta teórica, mas de uma forma diferente de ver e construir a própria trajetória existencial, enquanto projeto de vida para o encontro do caminhar pelo sentido.

A filosofia existencial apresenta a morte, a angústia, o desespero, o desamparo, não apenas como consequências de uma vida esvaziada de sentidos existenciais próprios, mas que permite possibilidades de resgate desses sentidos, pois o homem ainda nutre o desejo de viver e de ser feliz. Portanto, cada homem tem que decidir a cada instante o que vai fazer, o que vai ser no momento seguinte. Essa decisão é intransferível, ninguém pode substituir-me na faina de me decidir, de decidir minha vida.

O existencialismo também enfatiza a importância da liberdade e da responsabilidade individual na construção da vida. Segundo essa corrente filosófica, cada indivíduo é livre para fazer suas escolhas, mas ao mesmo tempo é responsável pelas consequências dessas escolhas. Com base nessa conjuntura, a proposta da Fenomenologia e do Existencialismo partiu do debate sobre a relevância e extensão da ex-sistência dentro da área da Psicologia, da psicanálise, da psicoterapia como sendo necessárias ao diâmetro da vida de quem não consegue carregar sozinho os conflitos e dilemas existenciais.

Diante do exposto, cada indivíduo é corresponsável por sua ex-sistência, dada uma vez em que não é o mesmo quem escolhe estar aqui, existindo. Se trata de um projeto em que somos lançados no mundo que não pedimos para nascer, mas uma vez que nos encontramos aqui



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

DO CAOS A EX-SISTÊNCIA: UMA ABORDAGEM DA FILOSOFIA EXISTENCIALISTA
Ueudison Alves Guimarães, Raimunda Macêdo da Silva Lima

precisamos dar sentido a nossa ex-sistência, mesmo diante das facticidades da vida que nos levam a angústia, ao absurdismo, ao desespero e a morte, precisamos encontrar um sentido para ex-sistirmos mesmo diante dos dilemas da vida, pois nada ainda é o fim quando usufruímos da nossa liberdade de escolha determinada pela nossa autenticidade.

Não se pretende estancar aqui as reflexões apresentadas sobre o corpus da Filosofia Existencialista, mas abrir caminhos para que os sujeitos compreendam que a ex-sistência não pode ser vivida pelo outro e solucionada pelo outro. Nossa cultura ocidental em que há uma primazia do corpo em relação à mente, é preciso contribuir para a formação de seres humanos que estejam abertos por dentro, que joguem para fora suas angústias e decepções, mas que ao mesmo tempo procure ajuda quando sentir que a sua parede íntima do desespero precisa ser desmoronada, só assim os traumas da vida fluirão para fora de si mesmo.

REFERÊNCIAS

AMOEDO, Margarida Isaura Almeida. **José Ortega y Gasset, a aventura filosófica da educação**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2002.

ARENDT, H. **A condição humana**. Tradução de Celso Lafer. Rio de Janeiro: [s. n.], 2003.

CAMUS, A. **O Mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989, p. 42.

CARVALHO, J. M. de. *In*: ORTEGA Y GASSET. A vida como realidade metafísica. **ArticlesTrans/Form/Ação**, Marília, v. 38, n. 1, p. 167-186, jan./abr. 2015.

CARVALHO, José Mauricio de. Ortega y Gasset: life as metaphysical reality. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 38, n. 1, p. 167-186, jan./abr. 2015.

DANTAS, Jurema B. **Angústia, existência e contemporaneidade**. 2005. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2005.

DOUBOIS, Christian. **Heidegger**: introdução a uma leitura. Trad. Bernardo de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

EVANGELISTA, Paulo Eduardo Rodrigues Alves. **O que pode um psicólogo fenomenológico existencial?**. 2015. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

FOUQUIÉ, Paul. **O existencialismo**. São Paulo: Difel.1975.

FRAGA, V. F. **Gestão pela formação humana**: uma abordagem fenomenológica. Rio de Janeiro: Impetus, 2003.

HEIDEGGER, Martin. **Conferências e escritos filosóficos**. São Paulo: Abril Cultural,1993.

HEIDEGGER, Martin. **Introdução à metafísica**. Tradução: Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro,1968.

HEIDEGGER, Martin. **O Ser e o Nada**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

HEIDEGGER, Martin. **O ser e o nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. Petrópolis: Vozes, 2001.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

DO CAOS A EX-SISTÊNCIA: UMA ABORDAGEM DA FILOSOFIA EXISTENCIALISTA
 Ueudison Alves Guimarães, Raimunda Macêdo da Silva Lima

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Tradução: Márcia Sá. Petrópolis: Vozes, 2006.

HEIDEGGER, Martin; Stein, Ernildo. **O existencialista, Fenomenologia. Filosofia**. Porto Alegre. Ética

KIEKEGAARD, Sören. **O conceito de angústia**. Tradução: Eduardo Nunes Fonseca e Torriéri Guimarães. São Paulo: Hemus, 2007.

KIEKEGAARD, Sören. **O Desespero Humano**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

KIEKEGAARD, Sören. **O Desespero Humano**. Tradução: Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2003.

KIEKEGAARD, Sören. **Temor e tremor**. Lisboa: Guimarães Editores, 1990.

LEVY, Bernard-Henry. **O século de Sartre**. São Paulo: Nova Fronteira, 2001.

MAC DOWELL, João A. **A gênese da ontologia fundamental de M. Heidegger**. São Paulo: Loyola, 1993. (Coleção Filosofia).

ORTEGA Y GASSET, José. El tema de nuestro tiempo. In: _____. **Obras Completas**. Madrid: Alianza, 1997a. v. 3.

SARTRE, J. P. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução: Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril, 1978.

SARTRE, J. P. **O ser e o nada – ensaio de ontologia fenomenológica**. Tradução: Paulo Perdigão. 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1998, p. 782.

SCHNEIDER, D. **Sartre e a psicologia clínica**. Florianópolis: UFSC, 2011.

SILVA, Góis Cléa. **Liberdade e Consciência no Existencialismo de Jean-Paul Sartre**. Londrina: UEL, 1997. p. 82-106.

TROGIGNON, Pierre. **Heidegger**. Lisboa: Edições 70, 1967. (Biblioteca Básica de Filosofia).

WAELEHNS, Afonso de. **Heidegger**. Traducción de Carlos A. Fayard. Buenos Aires: Ediciones Losange, 1995. (Colección Filósofos y Sistemas).